



EVELYN GARCI PINTO

**PERCEPÇÕES DAS FAMÍLIAS SOBRE O ENSINO DE
LUTAS/ARTES MARCIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

LAVRAS-MG

2022

EVELYN GARCI PINTO

**PERCEPÇÕES DAS FAMÍLIAS SOBRE O ENSINO DE LUTAS/ARTES
MARCIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Lavras, como parte das exigências do
Curso de Educação Física, para a
obtenção do título de Licenciada.

Prof. Dr. Fábio Pinto Gonçalves dos Reis

Orientador

LAVRAS-MG

2022

EVELYN GARCI PINTO

**PERCEPÇÕES DAS FAMÍLIAS SOBRE O ENSINO DE LUTAS/ARTES
MARCIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**FAMILIES' PERCEPTIONS ABOUT THE TEACHING OF FIGHTS/MARTIAL
ARTS IN CHILD EDUCATION**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Lavras, como parte das exigências do
Curso de Educação Física, para a
obtenção do título de Licenciada.

APROVADO em 08 de Setembro de 2022.

Dr. Fabio Pinto Gonçalves dos Reis – UFLA

Mestre Diego Ramires Silva Santos – UFSJ

Prof. Dr. Fábio Pinto Gonçalves dos Reis

Orientador

LAVRAS-MG

2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pelo amor e misericórdia derramada sobre minha vida, bem como por me iluminar nos momentos difíceis, dando-me força e coragem para seguir.

Agradeço ao meu pai Edivino e minha mãe Magna que, com humildade, honestidade e dedicação fizeram-me melhor, estando presentes em todas as batalhas que enfrentei a vocês todo meu amor e gratidão.

A minha família, em especial minha vó Iracy, pela confiança, torcida e orações constantes. E também as minhas afilhadas e meus pequenos primos que de alguma forma me despertaram o amor pela infância, me motivando ainda mais na escolha de minha profissão, vocês sem dúvidas contribuíram para que hoje eu estivesse aqui.

A Republica Desatino, que nunca me desampararam e que se tornaram minha família em Lavras, sem elas talvez nunca tivesse a oportunidade de vivenciar e aprender tantas coisas, vocês são incríveis.

Aos professores doutores Fabio Reis, Kleber Tuxen e Rubens Gurgel exemplos de profissionais que levarei por toda vida, por serem sempre solícitos e generosos comigo, seja quando os pedi auxílio neste trabalho ou de alguns outros. Em especial meu orientador Fabio Reis que me auxiliou e esteve presente sempre que precisei, contribuindo com o desenvolvimento e ajudando-me a acreditar em minhas ideias. A vocês toda minha admiração.

Por fim agradeço a minha irmã, ao meu namorado e aos meus amigos das Republicas Sohfadinha e Vira Copos, com quem dividi todas as minhas alegrias e angustias e cada um do seu modo sempre esteve presente para me amparar. Vocês sem dúvidas fizeram os meus dias mais felizes.

E a todas as pessoas que cruzaram o meu caminho durante esse tempo, me fazendo crescer como pessoa e profissionalmente, me dando a oportunidade para continuar correndo atrás dos meus sonhos, só tenho a agradecer e enfim formada.

RESUMO

As lutas/artes marciais estão cada vez mais se tornando um assunto a ser debatido quanto sua inserção nas aulas de educação física, tendo em vista as inúmeras vantagens dessa prática tanto no quesito técnico e tático, quanto no cultural com suas filosofias que abrem inúmeros caminhos, inclusive para debates políticos sociais atuais. Dito isto, é de extrema importância a sua inserção desde a educação infantil até o ensino médio. Neste contexto, este presente trabalho tem como objetivo investigar as percepções das famílias sobre o ensino dessa manifestação da cultura corporal. Também pretende-se identificar possíveis divergências em escolas públicas e privadas visto que podem possuir padrões culturais diferentes. Para tanto, foi realizada uma pesquisa com abordagem qualitativa e de caráter exploratório, por meio de entrevista semiestruturada com oito famílias que têm crianças matriculadas em instituições de educação infantil públicas e oito de escolas privadas. Para análise dos dados coletados foi utilizado o método de análise temática. A partir dessa análise de dados foi possível concluir que todos os familiares se corroboram ao ensino das artes marciais dentro das aulas de educação física infantil, apesar de uma grande quantidade associa essas práticas à violência. Podemos ainda notar um senso comum, antiquado e enraizado, mas que já vem sendo desconstruído durante os últimos anos. Logo, conclui-se então que tanto as famílias quanto os professores de educação física da educação infantil precisam de ter acesso a essas práticas e processos formativos, a fim de que possam conhecer suas filosofias, abordagens e metodologias que, vale dizer, vão contra a qualquer tipo de violência e exclusão.

Palavras-chave: Artes Marciais. Família. Ensino Infantil.

ABSTRACT

Martial arts are increasingly becoming a subject to be discussed about its insertion in physical education classes, in view of the numerous advantages of this practice both in the physical and motor development, and in the mental aspect with its philosophies that open countless paths, including for current social political debates. Having said that, it is extremely important to insert it from kindergarten to high school. In this context, this present work aims to investigate the opinion of families about the teaching of martial arts in children's education and to research about one of the possible reasons for the lack of the element of fighting in the school, which would be the family as an obstacle, for not supporting this teaching. It also intends to identify possible divergences in public and private schools, since they may have different cultural standards. For this, a research with qualitative and exploratory approach was carried out, through semi structured interviews with eight family members from public and eight from private infant schools. The thematic analysis method was used to analyze the collected data. From this data analysis it was possible to conclude that all family members say they are in favor of teaching martial arts in children's physical education classes, despite a great amount of association of these practices to violence, we can still notice a common sense, old-fashioned and rooted, but which has been deconstructed during the last years. Therefore, we conclude that both parents and physical education teachers of children need more experiences with these sports in order to know their valuable philosophies that go against any kind of violence, and for teachers to learn the best ways to work with this content.

Keywords: Martial Arts. Family. Early Childhood Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
1.1.METODOLOGIA.....	10
2. LUTAS/ARTES MARCIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	13
3. PAPEL DA RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA.....	19
4. POSICIONAMENTOS DAS FAMÍLIAS ACERCA DO ENSINO DAS LUTAS/ARTES MARCIAIS NAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL.....	26
5. O OBJETIVO DO ENSINO DAS LUTAS/ARTES MARCIAIS NA ESCOLA SOB A INTERPRETAÇÃO DOS FAMILIARES.....	31
6. RISCOS E DESAFIOS DO ENSINO DAS LUTAS/ARTES MARCIAIS ÀS CRIANÇAS.....	37
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
8. REFÊRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48

1. INTRODUÇÃO

As lutas são conteúdos da Educação Física escolar, porém durante toda sua trajetória vem sofrendo alguns preconceitos devido ao senso comum que normalmente as associa com a violência, isso pode afetar tanto os professores com pouco estudo na área quanto às famílias que não se permitem conhecer, deixando ser influenciados pelas mídias. Nesse sentido:

[...] a violência e a agressividade são um dos principais temas vistos nos dias de hoje, seja em estádios de futebol, em bares e até mesmo em ambientes familiares, com isso as crianças acabam sendo influenciada pela mídia ou pelos amigos e isso faz com que torne essa prática cada vez mais comum dentro do ambiente escolar (PACHECO, 2012, p. 415)

Isso pode assustar a sociedade em si que vê as crianças cada vez mais se metendo em brigas e acreditando que agir dessa maneira é legal e corajoso, incorporando isso como exemplo. Entretanto, é de importância entender as diferenças entre briga e artes marciais que em contrapartida a essa realidade, estão suas filosofias que pregam a disciplina, autocontrole, integridade e entre outros princípios que auxiliam na formação moral do indivíduo. E é por isso que algumas famílias buscam ajuda dentro desses esportes para disciplinar e reger seus filhos.

A partir destas análises apresentadas acima este trabalho tem o objetivo de analisar as concepções que permeiam o entendimento sobre o ensino de artes marciais dentro das instituições de educação infantil aos que convivem mais diretamente com as crianças, ou seja, investigar a opinião das famílias sobre o ensino destas manifestações, se acreditam serem benéficas ou se ainda é dominante essa ideia que correlaciona as práticas com violência.

Como parte da cultura humana, as lutas representam um meio eficaz de educação e um conjunto de conteúdos altamente importante para a Educação Física escolar, pois, qualquer que seja a modalidade de luta, exige respeito às regras, a hierarquia e a disciplina, valorizando a preservação da saúde física e mental de seus praticantes. As lutas assim como os demais conteúdos da educação física, devem ser abordadas na escola de forma reflexiva, direcionada a propósitos mais abrangentes do que somente desenvolver capacidades e potencialidades físicas (SOUZA JUNIOR & SANTOS, 2010, p. 01).

Este tema apresenta grande importância social, pois estamos falando de formação de crianças e correlacionando a participação da família nela, a intenção é que este estudo venha entender como os familiares lidam e interpretam o ensino desse conteúdo, para assim superarmos e rompermos certas barreiras mostrando a importância das lutas na educação física escolar.

A escolha desse tema se deu devido aos seguintes critérios: experiência e afinidade com o conteúdo (Artes Marciais) e a realidade na qual esse componente vem sendo renegado. Mas em termos de integração de vida e pesquisa torna-se necessário um breve relato de minha trajetória até a escolha do tema. Sou de São José dos Campos, uma cidade no interior de São Paulo, na qual apoia muito os esportes e promove centros de treinamento gratuitos para diferentes modalidades.

Então aos seis anos de idade, por coincidência passei em frente a um destes centros de Taekwondo, minha mãe assistiu um pouco o treino e logo decidiu me matricular. Na época eu já praticava Ballet, porém quanto mais eu vivenciava mais eu me apaixonava por esta arte marcial e rapidamente decidi trocar o Ballet pelo Taekwondo. No início meus familiares viram ali uma forma de aprendizado para se defender das diversidades do mundo, com o tempo esta pratica agregou muito à minha vida e a de meus pai e mãe que logo também ingressaram nos treinos.

Com passar do tempo, as aulas foram deixando de serem vistas apenas como autodefesa, assim, me tornei faixa preta e passei auxiliar a dar aulas e fui chamada para ser atleta de competição. Desde muito nova entrei na equipe de auto rendimento e pude lutar campeonatos em diversos estados e até mesmo em um mundial noutro país, defendendo a minha cidade e o Brasil. Isso tudo agregou conhecimento, transformações e ressignificações em minha vida, tudo graças ao Taekwondo, ao passo que pude vivenciar culturas diferentes, apreciar e seguir suas filosofias me tornando quem sou hoje. De tal maneira que não consigo falar sobre mim e minha vida sem incluir as artes marciais nisso.

Quando cheguei ao ensino médio, foi necessário que parasse com os treinos que variavam entre duas a três vezes aos dias para que pudesse me dedicar aos estudos, sem contar que pela iniciação precoce o meu corpo já estava cansado da rotina intensa e das dietas restritivas, eu ainda estava em minha adolescência. Contudo, nunca perdi o interesse pelo esporte, apenas mudei um pouco o foco.

Já quanto às escolas e aulas de Educação Física, cursei todo meu ensino básico em uma escola estadual chamada Mariotto, que se localizava dentro de uma base aérea militar e, por isso, era bem estruturada, regrada e contava com apoio de verba tendo uma grande infraestrutura. Em contrapartida, na aérea de Educação Física esses recursos não eram bem utilizados por parte dos professores que insistiam em queimada, vôlei para as meninas e futebol para os meninos, além das avaliações que basicamente eram

baseadas em quantas voltas correndo em torno da quadra conseguíamos dar. Desse modo, meu aprendizado nesta área se tornou bem defasado.

Ademais, ao ter que escolher uma faculdade e consecutivamente uma profissão, optei por Educação Física Licenciatura, na esperança de poder proporcionar às crianças e adolescentes uma vivência corporal significativa a partir das aulas. O objetivo de trabalhar dentro das escolas não é só me restringindo ao conteúdo Lutas/Artes Marciais, mas com qualquer outro esporte fora do contexto de alto-rendimento e treinos sistematizados.

Durante minha graduação participei de Estágios e do programa PIBID, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência e em meio todo este trajeto me redescobri e tive a certeza da área que queria atuar. Toda essa experiência me despertou o porquê dessas práticas tão fomentadoras (neste caso as artes marciais) serem tão defasadas dentro das escolas, uma das possíveis hipóteses para esse problema seria a falta de apoio e o preconceito das famílias para com as práticas. Então, me apoiei nisso para buscar responder a pergunta de pesquisa: quais as percepções dos familiares sobre o ensino das lutas/artes Marciais nas instituições de educação infantil na cidade de São José Dos Campos-SP e descobrir se realmente está seria uma problemática para a inserção nas escolas.

1.1 METODOLOGIA

Para realização deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), tendo como linha de pesquisa a Educação Física e como tema a percepção das famílias sobre as lutas/artes marciais inseridas dentro das aulas de Educação Física Escolar no ensino infantil, esta pesquisa classificou-se como exploratória sob os preceitos qualitativos, visto que possibilita uma análise mais detalhada sobre o tema proposto.

Define-se pesquisa exploratória, na qualidade de parte integrante da pesquisa principal, como o estudo preliminar realizado com a finalidade de melhor adequar o instrumento de medida à realidade que se pretende conhecer. Em outras palavras, a pesquisa exploratória, ou estudo exploratório, tem por objetivo conhecer a variável de estudo tal como se apresenta, seu significado e o contexto onde ela se insere [...] (PIOVESAN & TEMPORINI, 1995, p. 321).

Segundo Denzin e Lincon (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as

coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles confere.

Em relação ao procedimento, a nossa investigação caracterizou-se como sendo uma pesquisa de campo, que efetivou-se por meio da realização de entrevistas estruturadas. Segundo Ruiz (1976, p. 50), “a pesquisa de campo inclui a observação de fatos espontâneos, a coleta de dados e registro das variáveis que podem ser relevantes para uma análise posterior”. Já a escolha quanto à entrevista, se deu devido autores que:

Relatam que a entrevista é um recurso muito usado em pesquisas nas áreas de Ciências Humanas, pois a interação que é estabelecida entre os sujeitos da pesquisa pode proporcionar a aproximação com o problema estudado, a partir de indícios e de perspectivas compartilhadas pelas palavras formais que o entrevistado apresenta, acompanhada pelas reações físicas e emocionais que se evidencia durante o processo (GOULART, 2013 apud MARTINS. et al, 2022, p. 68).

E se classificou como estruturada, visto que Martins (et al, 2022) classifica como entrevista estruturada quando o entrevistador segue fielmente um roteiro de perguntas previamente elaborado, em sua forma e sequência em todos os entrevistados, voltando-se para obtenção de respostas mais curtas e diretas.

Esses tipos de pesquisa se torna muito interessante devido não se tratar apenas de um diálogo para obter dados, tendo em vista que é uma discussão orientada com objetivos definidos, que a partir do interrogatório o participante pode discorrer sobre o tema evidenciando suas opiniões, sem qualquer tipo de julgamento. Ela também proporciona uma análise que vai além só das palavras em si, pois é possível analisar expressões corporais e faciais, sons não formalizados em palavras e olhares, sendo que tudo isso colabora para o enriquecimento das informações. Esse modelo de pesquisa se torna muito usado quando não há uma grande quantidade de fontes científicas que discorre sobre o assunto de maneira clara, abrindo espaço para mais questionamentos.

Para Gil (2012) a entrevista é uma técnica de coleta de dados que apresenta grande eficiência, sobretudo na obtenção de dados relativos ao comportamento humano, podendo ser utilizada para extrair informações dos mais variados aspectos da vida social, e, também pelo fato de que os dados obtidos serem passíveis de classificação e em muitos casos de quantificação.

Essa pesquisa foi realizada na cidade de São José dos Campos, interior de São Paulo e para sua realização foram selecionada dezesseis familiares de crianças matriculadas na educação infantil, e visando observar possíveis divergências na opinião

devido a formação cultural distinta, participaram oito de escola pública e oito de escola particular.

No ambiente de escola pública foi escolhida uma escola municipal, tendo como seu maior público crianças de baixa renda, de um bairro mais periférico, atravessada pela cultura da violência, localizada na zona leste. Todos os familiares convidados se mostraram dispostos a participar, porém notamos talvez uma possível falta de bagagem cultural o que resultou em respostas simples e diretas.

No que se refere à privada, as entrevistas se deram em uma escola de classe média localizada no centro da cidade, neste caso foi notável a quantidade de cuidadoras responsável pelas crianças e quanto aos familiares diretos, alguns estavam com pressa e mal tinham tempo para escutar. Apesar disso, foram encontrados oito familiares disponíveis nos quais alguns abordaram o tema com um pouco mais de propriedade.

A pesquisa constituiu-se por meio da utilização de entrevistas estruturadas, conforme supracitado, que por sua vez seguiu um roteiro preestabelecido, mas com certa flexibilidade. As entrevistas foram rápidas e duraram em torno de 10 a 15 minutos, sendo feitas diretamente na porta das instituições, sendo que o roteiro contou com as seguintes perguntas:

Qual sua percepção acerca do ensino de lutas/artes marciais na escola?
Quais os objetivos o ensino de lutas/artes marciais deveria ter nas aulas de educação física na educação infantil?
Quais seriam os desafios e possibilidades do ensino de lutas/artes marciais na escola?

Fonte: Elaboração própria

Após a coleta de dados, utilizamos para interpretação das respostas o método de análise temática, segundo o qual Braunk & Clarke (2006, p. 03) afirma que através da sua liberdade teórica, ela fornece uma ferramenta de “pesquisa flexível e útil, que pode potencialmente fornecer um conjunto rico e detalhado, ainda que complexo de dados”. Este modelo de análise se relaciona diretamente com a noção do tema, uma vez que corresponde aos aspectos-chaves que estabelecem sentido a uma narrativa, seja por apenas ser mencionada ou por aparecer diversas vezes durante as respostas de diferentes entrevistados.

Dito isso, esse presente trabalho buscou encontrar por meio das respostas dos participantes temas ou palavras-chave encontradas em uma ou mais respostas que dessem espaço para a abertura de discussões plausíveis no contexto do tema abordados.

2. LUTAS/ARTES MARCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Historicamente, devido à inserção das mulheres nas grandes fábricas em razão de toda uma mudança no âmbito social e econômico, foi pensada na criação da instituição de educação infantil, a qual se dava perante à necessidade de os filhos dessas mulheres fossem cuidados e educados. No início isso foi visto apenas como modo de prestação de assistência à família, somente em 1970 passou a instituição começou ser compreendida enquanto papel social relevante na sociedade. Entretanto, devido à destinação dessas escolas se darem aos filhos da classe trabalhadora, ela era marginalizada e não se associava aos debates políticos.

As carências culturais existiam porque as famílias pobres não conseguiam oferecer condições para um bom desenvolvimento escolar. Faltavam-lhes requisitos básicos que não foram transmitidos por seu meio social e que seriam necessários para garantir seu sucesso escolar, sendo a pré-escola a responsável por suprir essas carências. Contudo, essas instituições não possuíam um caráter formal, pois não havia contratação de professores qualificados e remuneração digna para a construção de um trabalho pedagógico sério. A mão-de-obra, que constituía as pré-escolas, era, muitas das vezes, exercida por voluntários, que rapidamente desistiam desse trabalho.

Quanto a Educação Física escolar foi integrada como componente curricular somente em 1988, devendo compreender e ter como objeto de estudo e intervenção toda manifestação da cultura corporal de movimento. Ao levar em consideração as práticas corporais historicamente inseridas, não só os esportes devem ser acolhidos durante as aulas para serem ensinados. Neste sentido, busca-se atingir uma Educação Física escolar que, segundo Darido (2012, p. 55):

[...] ultrapassa o ensinar esporte, ginástica, dança, jogos, atividades rítmicas, expressivas e conhecimento sobre o próprio corpo para todos, em seus fundamentos e técnicas (dimensão procedimental), mas inclui também os seus valores subjacentes, ou seja, quais atitudes os alunos devem ter nas e para as atividades corporais (dimensão atitudinal). E, finalmente, busca garantir o direito do aluno de saber por que ele está realizando este ou aquele movimento, isto é, quais conceitos estão ligados àqueles procedimentos (dimensão conceitual).

Atualmente quando falamos de educação infantil ou pré-escola, estamos nos referindo a crianças de 0 a 5 anos, porém obrigatoriamente de 4 e 5 anos. Essa etapa é o fundamento para as demais etapas de ensino, sendo que, na maioria das vezes, a entrada nessas escolas significa a primeira separação da criança com os vínculos afetivos

familiares, para a entrada em uma socialização mais estruturada. De igual modo, toda a bagagem familiar e social trazida antes da escola é confrontada neste ambiente e essas diferentes culturas possíveis de serem vivenciada são essencial para o curso de suas trajetórias sociais.

Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação. (BNCC, 2017, p. 36)

Nessa fase é muito comum acompanharmos o desenvolvimento de funções simbólicas que se dão por meio da representação e imitação. É perceptível uma predominância das relações sociais e afetivas segundo as quais a criança enxerga o adulto com mais inquietude e interesse, contribuindo para a formação de sua personalidade e autoconsciência. Por isso mesmo a criança oscila entre se opor ao adulto e posteriormente imita-lo.

Segundo Guimarães (2022, p. 41):

Intitulado por Wallon de personalismo, esse estágio ocorre dos três aos seis anos com algumas divisões se considerarmos a sua extensão ao longo dos 3 anos de vida da criança. Assim, dos 3 aos 4 anos temos como aspecto balizador a chamada 'crise de oposição', dos 4 aos 5 anos temos aquilo conhecido como 'idade da graça' e, por fim, dos 5 aos 6 notamos novamente a presença da imitação.

No Brasil o modo de ensino mais utilizado, tanto nessa fase quanto basicamente em todas as etapas de ensino, é a metodologia tradicional onde o professor é quem tem o papel principal, pois é sua função transmitir conhecimento para as crianças dentro de sala de aula. Essa metodologia considera os alunos como tendo "brechas de conhecimento" que precisam ser preenchidas com informações. Em suma, o método de ensino tradicional entende que é o professor que causa o aprendizado. Deste modo a disciplina é fundamental, ou seja, os alunos que não respeitam as regras poderão ser punidos. Atividades como entrega de lições e disciplina acaba por ser mais importante que a aprendizagem em si, sendo a prática mecanizada onde quem cumpre as regras e entrega as atividades são os que se dão melhor. Por ser a metodologia mais utilizada no Brasil, ela é de fácil adaptação para as crianças que precisam mudar de escola por exemplo.

Foucault aborda essa questão de aprendizagem quando discorre sobre relações de poder e enfatiza que seja nas instituições, quartéis ou prisões ambas são marcadas pela disciplina. Ainda ressalta que: “[...] a disciplina traz consigo uma maneira específica de punir, que é apenas um modelo reduzido do tribunal” (FOUCAULT, 2008, p. 149).

E é pelas relações de disciplina que as relações de poder se tornam mais facilmente observadas, pois é através desse meio que se estabelecem relações entre mandante e mandatário, persuasivo e persuadido e tantas quantas forem as relações que se expressem nos comandos. Trata-se de uma relação assimétrica que institui autoridade e obediência, tratando de uma concepção do poder que se irradia da periferia para o centro, de baixo para cima e que se exerce permanentemente dando sustentação à autoridade. É importante estarmos atentos ao fato de que Foucault não nega a importância do Estado, mas demonstra que as relações de poder ultrapassam o nível estatal e está presente por toda a sociedade, estando “dissolvida” por todo o tecido social.

Visto isso, dentro das aulas de Educação Física na educação infantil, devemos fugir deste conceito mandatário e abordar nas aulas as diversidades da cultura corporal do movimento, que é instituído como direito da criança. Para isso é importante pensar em trabalhar o desejo, ou seja a vontade de criança de participar, o lúdico e a inserção dessa criança nas aulas, o que se torna muito importante para despertar a vontade de participar e apreender. Também é possível pensar em uma concepção política cultural em que apesar dos debates não serem funcionais nessa idade, podem ser trabalhadas durante as vivências como a demonstração de culturas africanas através da capoeira ou danças africanas, ou até mesmo pelo fato de se aplicar uma aula mista onde meninos e meninas interagem e jogam juntos. Por último é possível pensar em fundamentos técnico-técnicos em si, sendo nessa fase ainda de maneira simples e introdutória.

De modo geral essa etapa de ensino pode se caracterizar como a base para as demais etapas, pensando dessa forma o aluno é preparado para que posteriormente seja possível avançar nas dificuldades, nos temas e nos fatores sociais abordados durante a aula. Dito isso, nota-se a importância dessa educação já introduzida nos anos iniciais para que sirva de alicerce para a próxima etapa.

Dentro desse universo de experiências e conhecimentos, as lutas/ artes marciais tornam-se uma grande ferramenta, visto que desde os primórdios podemos vê-las na rotina e história dos seres humanos. No início as lutas se davam devido à necessidade de

comer, de caçar, de lutar contra os animais e, posteriormente, como ferramentas nas guerras, seja com armas ou não. Por mais que houvesse sistematização e técnicas específicas, emanava a necessidade de proteção do próprio corpo.

E mesmo atualmente não deixam de estar firmemente inseridos no nosso cotidiano através de jogos, desenhos, programas de tv e entre outros. Importante lembrar que as Lutas/Artes Marciais fazem parte da cultura corporal de movimento e que vem sendo historicamente produzida e enriquecida com as diferentes culturas. Apesar de ter surgido a partir de situações de combates, na prática não se trata apenas de aprender a lutar, inclui também a busca pela harmonia, paz e não violência entre pessoas, além de servir de base para uma vida melhor em sociedade.

Roque (2010) em seu livro *O Espírito das Artes Marciais*, comenta sobre essa prática estar presentes na história da formação cultural e social de vários países no mundo. Acumularam riquezas do ponto de vista ético e moral que se transformaram em princípios para seus praticantes. Após seu período histórico de origem e sua presença firmada na sociedade, as Lutas/Artes Marciais chegam em vários locais como prática de formação humana.

Tornou-se algo popular e que pode agregar o desenvolvimento de crianças e adolescentes ao trabalhar com a motricidade, os sentidos, a cognição, o raciocínio lógico, o desenvolvimento pessoal e mental, seguindo atitudes éticas e morais e levando sempre em consideração o respeito ao próximo.

De maneira geral é recomendado estímulos sensoriais desde crianças ainda muito pequenas e a arte marcial pode agregar a isto, desde que trabalhadas de maneira lúdica e pedagógica, abordando os conhecimentos gerais introduzidos através de jogos, a mobilização e o equilíbrio, o atingir e se proteger, a noção de espaço, podendo utilizar inclusive alguns implementos, tudo isso adaptando conforme a fase de desenvolvimento. A partir disso, não se trata de algo linear ou fechado, deve-se considerar os diversos saberes envolvidos através de jogos que pode ser de contato direto, intermitente, com implemento ou lançamento e de contato misto.

Apesar de para os adultos muitas vezes os jogos serem visto como retrocesso ou lazer, para as crianças torna-se de tamanha importância, pois estão se desenvolvendo tanto fisicamente quanto socialmente. Essas crianças carregam em si uma ludicidade muito grande, na qual desenvolve a criatividade e da luz a brincadeira.

[...] que a atividade infantil é lúdica, isto é, gratuita, não significa que ela não atenda às necessidades do desenvolvimento. Embora “inútil”, “fútil”, do ponto de vista imediato, ela tem enorme importância a longo prazo. A

necessidade de garantir espaço para o gesto “inútil” adquire enorme importância. (Dantas, 2011, p. 115)

Nessa mesma direção, Luiz et. al (2014 apud GUIMARÃES, 2022, p. 53), traz que:

De acordo com as ideias de Wallon, os jogos para criança têm papel de progressão funcional, já para o adulto tem papel de regressão, uma vez que, o homem quer se desligar o mais rápido das atividades lúdicas (deixar de ser criança), aproximando-se das atividades como o trabalho. Mesmo sendo visto como uma quebra às disciplinas as crianças não ignoram apenas colocam sob as necessidades das ações lúdicas.

Dito isso, é de extrema importância tomar cuidado com a esportivização, principalmente nesta fase onde a quantidade de regras e a busca por vencer podem empobrecer as modalidades. Segundo Breda (2010), certamente há riscos no tratamento da luta como esporte, limitando-a aos aspectos metodológicos do treino e aos objetivos do esporte profissional. E essa formação tradicional esportivista está ligada à influência do militarismo, na qual a educação física era associada ao esporte e a alienação cultural em detrimento de competições esportivas, não sendo diferente nas artes marciais.

Infelizmente ainda é possível ver dentro de escolas alguns professores de Educação Física rendidos à cultura esportivista, que buscam enfatizar o conteúdo procedimental acima do conceitual e do atitudinal. Isto está ligado à formação de profissionais com uma defasagem acerca desta problemática, resultando em um modelo pedagógico ultrapassado.

Um possível viés para grande repercussão desta cultura, se dá devido à facilidade de utilização do conteúdo procedimental culturalmente conhecido como mais adequado perante a sociedade, que ainda dificilmente vê a educação física além dos esportes. Isso faz com que ocorra uma falta de exploração a partir das demais potencialidades de desenvolvimento do indivíduo e acaba por provocar uma desvalorização tanto das aulas quanto dos profissionais.

Entretanto, com toda a evolução e desenvolvimento cada dia mais crescente da compreensão social acerca do ensino das artes marciais, Breda (2010) afirma que o esporte hoje é uma manifestação sociocultural com múltiplos significados, sendo um deles o educacional, o que pode nos ajudar na compreensão das lutas nesse contexto.

Na educação infantil, a educação física desempenha um papel importante, pois crianças dessa área estão em pleno desenvolvimento saindo um pouco da fase do individualismo e dando espaço para os jogos em grupos. A aula de educação física

torna-se um espaço próprio para o aprendizado através de jogos e brincadeiras, envolvendo os aspectos cognitivos afetivos sociais, motor e emocional conjuntamente.

Apesar de diferenciarmos esses conceitos é importante que a criança aprenda de modo integral, nesta faixa etária, um pouco do básico de cada modalidade através de jogos de oposição, o que será de grande serventia para a continuidade nas próximas etapas de ensino, além de aumentar a sua bagagem cultural e motora.

3. IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO FAMÍLIA E A EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao trabalharmos com a percepção da familiar sobre o ensino de lutas nas escolas, trazemos a tona um importante assunto a ser estudado, que seriam essas relações estabelecidas entre família-escola. Quando falamos de família, estamos mencionando o primeiro contato da criança com o mundo, sendo a primeira agência educacional a partir de suas concepções e vivências. Deste modo, vários fatores são os que diferenciam a educação de indivíduo para indivíduo seja por região, estrutura social, localização, dentre outros.

Sendo ela responsável pelos primeiros passos dado pela criança, segundo Szymanzki (2004, p. 07):

É na família que a criança encontra os primeiros “outros” e com eles aprende o modo humano de existir. Seu mundo adquire significado e ela começa a constituir-se como sujeito. Isto se dá na e pela troca intersubjetiva, construída na afetividade, e constitui o primeiro referencial para a sua constituição identitária.

Porém inúmeras são as formas de entendimento sobre o conceito de família, em suas concepções tradicionais foca em critérios como aproximações genealógicas, restrições jurídicas e legais, laços sanguíneos e compartilhamento de uma casa com crianças.

Segundo Trost (1995), uma família se forma quando um casal, um par se casa ou passa a viver na mesma casa sendo os dois ou as duas a menor unidade de família, pode ser válido também quando uma criança nasce e é criado apenas por uma das partes. Dito isso, infere-se que acerca da família, que se incluem os casais que se constituíram legalmente, mediante casamento civil e/ou religioso, e também os que apenas optaram por morar juntos, considerando tanto os casais homossexuais quanto heterossexuais.

Buscando estabelecer uma definição de família, Patzold (1996) lembra que o critério da intimidade deve ser a variável fundamental para definição. A partir dessa consideração a família é um grupo social caracterizado por intimidade e por relações intergeracionais.

Focando na realidade brasileira, a constituição federal de 1988 restringe o conceito família quando diz: “É reconhecida como entidade familiar a união estável entre o homem e a mulher, configurada na convivência pública, contínua e duradoura e estabelecida com o objetivo de constituição de família” e “Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.”

Apesar das crescentes discussões acerca do assunto ainda não foi possível afirmar que existe um conceito que seja aceito e apoiado por toda a sociedade de forma geral. Devido a variável conceitual o termo hoje permite a inclusão de diversos aspectos existentes, atualmente há uma diversidade de famílias no que diz respeito à multiplicidade cultural, composições e orientações sexuais.

Cabe assinalar que é no seio de nossas famílias que adquirimos valores, formamos opiniões e nos são passados os primeiros ensinamentos que serão carregados por toda uma vida. A própria Constituição Federal (1988, n.p.) descreve no art. 226 “A Família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado”.

Já a escola e a educação tem uma relação estreita, mas não de dependência, a instituição por sua vez tem como função a socialização do saber sistematizado. A contribuição da escola se relaciona com a ciência e não com senso comum e existe para proporcionar aquisição de instrumentos que possibilitam o acesso ao saber, sendo assim é importante para o desenvolvimento do sujeito quanto ao saber culturalmente organizado e as áreas distintas de conhecimento.

Tanto a escola quanto a família são fatores muito importantes para o crescimento e desenvolvimentos das crianças e adolescentes, tratam-se de bases que constituem o intelecto do ser humano, primeiro com a família e posteriormente nas escolas mostrando diferentes culturas e seus reflexos na sociedade.

Para Constituição Federal (1988, n. p.), no Art. 227:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

O ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente (1990, n. p.), reproduz essa afirmação no Art. 4 do seu estatuto:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Sendo assim, tanto o ECA como a Constituição Federal impõe a responsabilidade pela criança às instituições familiares, à sociedade civil (da comunidade e o Estado), que ofereceriam educação e escolarização. Formando assim um tripé necessário para a garantia dos direitos da criança e do adolescente. Trata-se de uma responsabilidade solidária na medida em que, a cada um destes protagonistas,

atuando em dimensões diferentes, cabe a promoção e proteção de todos os direitos assegurados em lei. Neste caso, essa contemplação dos indivíduos em todos os níveis de atenção, pode ser verificada através das ações amplas, diversificadas e interdependentes realizadas por estes protagonistas no que tange aos deveres que possuem para garantia dos direitos da população infanto-juvenil.

Por hora vamos abordar o componente familiar e o Estado, neste caso representado pelas escolas, sendo que esses dois sistemas tem suas especificidades e suas complementaridades. Embora não possa ser vista como instituições complementares independentes, é importante que não se perca os limites das fronteiras entre a família e o Estado. A divergência entre ambas está na função e objetivos do ensinar e do preparar para inserção na sociedade, visto que a família tem o dever de favorecer a aprendizagem dos diversos conhecimentos construídos socialmente, ampliar as convivências sociais e construir uma ordem social. Já escola tem o dever de promover a socialização das crianças, o debate sobre atitudes e os valores instituídos pela sociedade. Com isso, atualmente é também dever das escolas tratar temas que estão em constante processo de ressignificação por parte da sociedade e alguns tabus que normalmente não são conversados com a família, como o machismo, o uso de drogas, os perigos dos meios virtuais, saúde, desigualdade, racismo e entre outros temas que infelizmente algumas podem deixar a desejar quando não os abordam em casa. Não que isso seja uma obrigação somente das escolas, mas em uma boa relação, ambos podem trabalhar de forma a agregar e melhor formar cidadãos e indivíduos.

[...] a educação não é uma tarefa que a escola possa realizar sozinha sem a cooperação de outras instituições e, a nosso ver, a família é a instituição que mais perto se encontra da escola. Sendo assim se levarmos em consideração que Família e Escola buscam atingir os mesmos objetivos, devem elas comungar os mesmos ideais para que possam vir a superar dificuldades e conflitos que diariamente angustiam os profissionais da escola e também os próprios alunos e suas famílias. (SOUZA, 2009, p. 08).

Oliveira (2002) organiza essa relação família-escola em dois grandes grupos denominados enfoque sociológico e enfoque psicológico. No sociológico é vista em função de determinantes ambientais e culturais. Para ele a relação entre educação e classe social mostra certo conflito entre as finalidades socializadoras entre os valores coletivos (das escolas) e os valores individuais (educação doméstica). As famílias por ter diferentes meios de ensinamentos, alguns tornam se não desejados pelas escolas que para um bom funcionamento quer que as famílias adotem as mesmas estratégias de socialização por elas utilizadas. Desse modo à própria instituição prega que algumas

famílias operam de forma adversas de seus objetivos passando assim a usar a estratégia da socialização da família de modo a ampliar sua área de ação tentando assumir ou substituir esse papel.

Também para Oliveira (2002), há uma intenção que passa muitas vezes despercebida nessa tentativa de aproximação e colaboração, que é a de promover uma educação para as famílias tidas como “desestruturadas”. O ambiente escolar exerce um poder de orientação sobre os pais para que estes possam educar melhor os filhos e estes, por sua vez, possam frequentar a escola.

Enquanto neste grupo a família é responsável pela formação social e moral, no enfoque psicológico ela é responsabilizada pela formação psicológica, baseando se na ideia de que a família é a referência de vida da criança. Nessa questão as razões de ordem emocional e afetiva ganham um enfoque quanto ao entendimento da relação família escola que muitas vezes pode estar envolvida no fracasso escolar

Imagine-se que uma boa dinâmica familiar é também sinônimo de um bom comportamento e desempenho escolar, esse modelo cita os determinantes psicológicos presentes na estrutura familiar como os responsáveis pelo desencontro entre objetivos e valores. Dito isso, ao observar esse desencontro e esse enfrentamento, na tentativa de diluí-los, acontece alguns projetos de participação em parceria entre os dois sistemas.

Dessa forma o enfoque sociológico aborda os determinantes ambientais e culturais presentes nessa relação, cabe a escola cumprir as exigências sociais. Enquanto psicológica preza pelos fatores psicológicos e defende que a estrutura familiar é a principal responsável caso haja um desencontro entre objetivos e valores. Assim as instituições acabam por se complementar e devido a isso se encontra um enfrentamento que pode ser diluído com projetos e parceria entre os dois sistemas. Fica claro que ambos os grupos destacam dois aspectos importantes primeiro a dificuldade das famílias para a tarefa de educar os filhos e segundo a entrada da escola para subsidiar essa tarefa principalmente no campo moral.

A escola por sua vez defende que mesmo abrindo as portas das escolas e promovendo esses tipos de projeto muitos pais não se interessam acerca do assunto, ou seja, ela cita como responsabilidade da família fazer com que essa relação seja boa. Em contra partida a quem defende que essa construção de parceria é função inicial da escola e dos professores, pois eles são elemento chave no processo de aprendizagem. Caetano (2004, p. 58) defende que “transferir essa função à família somente reforça sentimentos

de ansiedade, vergonha e incapacidade aos pais, uma vez que não são eles os especialistas em educação”.

As escolas reclamam da pouca participação dos pais, mas tão pouco faz para melhorar essa relação, muitas vezes se sentem invadidos quando as famílias vão às escolas, pois entendi que por eles não compreenderem o processo de ensino aprendizagem, consideram que os pais não estão indo ali para colaborar e sim para cobrar e vigiar. E é a escola quem delimita a ação da família dentro da instituição, pois determina a frequência com que essa interação vai acontecer, apesar de no Art. 53 do ECA, Estatuto da Criança e do adolescente (1990, n. p.) afirmar que “É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.”, na prática não é bem assim que acontece, seja por falta de interesse dos pais ou por pouca abertura das instituições.

Por parte da escola muitos professores acabam por não conhecer muito bem as famílias e ficam com uma ideia idealizada onde a família promove aconchego, carinho e conhecimento conforme as fases de desenvolvimento, porém sabemos que na realidade nem todas as famílias oferecem todo esse suporte, tendo a escola que atuar também nessa área muitas vezes. Desse modo ela tende a acreditar em uma crença já existente sobre a necessidade de orientar os pais sobre como educar seus filhos.

Já a família deduz que é responsabilidade da escola esse envolvimento, enquanto papel deles seria apenas complementar as metas educacionais da escola. Podendo se envolver através de deveres de casa, das leituras, dos jogos e até colaborar prestando serviço em algum evento escolar. Para Bhering (2003) os professores deveriam manter a educação escolar como sua responsabilidade, enquanto os pais deveriam assegurar que as crianças estivessem prontas para a educação escolar.

O Ministério da Educação (MEC), por meio do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), realizou um estudo de âmbito nacional sobre a relação família, escola e educação (Brasil, 2005), onde conclui que a maioria dos pais só vai às escolas quando são chamados para as reuniões escolares e quando aparecem convites inesperados causa uma apreensão nos familiares que já associam a algo ruim. A pesquisa sugere que: “Os pais mantêm expectativas de uma participação maior e mais abrangente. Ao que indicam os resultados, as reuniões de pais e professores, tornando-se mais frequentes, podem se constituir um instrumento efetivo de interação de escolas e famílias.” (Brasil, 2005, p. 20)

De forma geral essa relação sempre esteve marcada por jogar a culpa um no outro e pela ausência de responsabilidade compartilhada por todos os envolvidos, ambos acreditam que cada um tem o seu papel e se mostram relutante em fazer o papel do outro.

Nas escolas de ensino infantil nos primeiros anos de vida o ser humano não tem capacidade de tomar suas próprias decisões e agir por si mesmo. Neste sentido, tanto a família quanto a escola formam importantes alicerces para orientar no desenvolvimento cognitivo e social.

Uma relação de confiança entre a família e escola contribui para que a criança tenha mais segurança para explorar o mundo e para descobrir sua própria identidade, quando os pais participam e valorizam suas descobertas tende muito a agregar para as crianças, por mais que os familiares não saibam ajudar nos conteúdos o simples fato de apoiarem e darem atenção faz toda a diferença.

A educação e o cuidado das crianças demandam esforços conjuntos das famílias e instituições para a criação de ambientes inclusivos, estimulantes e eficientes no que tange o desenvolvimento e o crescimento das crianças. O envolvimento parental é uma questão chave para a educação, para o desenvolvimento infantil, para o desempenho dos professores e principalmente para a melhoria das nossas escolas.

Porém de acordo com Perrenoud (2008) as famílias estão se preocupando cada vez mais com estimular a felicidade dos seus filhos e esperam que a escola os discipline sem os anular e os instrua sem os privar da sua infância. Consequentemente, a Escola é, com frequência, atentamente vigiada pelos pais.

Desde modo é preciso ter cuidado para alguma das partes não atrapalhar a área de atuação da outra, não que a preocupação dos pais seja totalmente ruim, mas é necessário que haja um limite para que os professores e professoras tenham liberdade para atuar conforme foram ensinados durante suas formações. Porém a preocupação dos pais e a intervenção dentro das escolas sem ultrapassar os limites é de extrema importância visto que infelizmente muitos agentes da educação formado na área não atuam da forma correta e necessária.

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...] (PIAGET, 2007, p. 50)

Infelizmente essa relação é considerada pouco harmoniosa e satisfatória, uma vez que as expectativas de cada instituição não são alcançadas, devido a essa relação ter sido construída com base em um relacionamento vinculado a algum tipo de problema se caracterizam por serem defensivos.

Concluiu-se então que é necessária uma aproximação de ambas as partes com um dever um pouco maior a escola, devido ser ela quem delimita a participação da família ao promover poucos eventos para a socialização, contudo essa relação não deve ficar apenas na intenção de orientar os pais sobre como ensinar os seus filhos.

Por dar valor a esta relação e entendê-la como fundamental para uma melhora no desenvolvimento de um indivíduo e para sua inserção na sociedade como cidadão, essa pesquisa explorou essa conexão ao questionar a opinião dos familiares a respeito do ensino de lutas/artes marciais dentro das aulas de Educação Física.

4. POSICIONAMENTOS DAS FAMÍLIAS ACERCA DO ENSINO DAS LUTAS/ARTES MARCIAS NAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL

A partir desse capítulo iremos dialogar com as narrativas produzidas por meio das entrevistas semiestruturadas com as famílias e antes de adentrarmos, devidamente, à interpretação dos dados coletados, convém destacar que, as lutas podem estar inseridas no contexto escolar não somente como outra modalidade (futsal, basquete, vôlei e handebol), mas também através de jogos de oposição como braço-de-ferro, cabo de guerra e entre outras atividades, na escola pode colaborar na formação do indivíduo cooperativo, disciplinado e que utiliza os seus ensinamentos e fundamentos de forma positiva e junto da sociedade em que vive. Segundo Ruffoni e Motta (2000, p. 02):

Ao se propor e defender uma educação física voltada para a cultura corporal, para a prática das lutas, é imprescindível que se compreenda que será somente por meio da cultura que o esporte possuirá significados. A relação corpo-educação, por intermédio da aprendizagem significa aprendizagem da cultura, dando ênfase aos sentidos dos acontecimentos e a aprendizagem da história, ressaltando assim a relevância das ações humanas. Corpo que se educa é corpo humano que aprende a fazer história, fazendo cultura.

Diante dessa questão, ao indagar os pais sobre o questionamento da percepção deles sobre o ensino de Lutas/Artes Marciais dentro das escolas de ensino infantil, observei que todos os pais se mostraram a favor deste ensino, alguns respondendo somente isto e outros fazendo algumas ressalvas como será apresentado abaixo:

“Eu apoio o ensino de lutas nas escolas, acho que serve para o desenvolvimento em várias áreas da vida da criança.”

“Seria de extrema importância aos alunos. Onde eles aprenderiam regras, disciplinas e autocontrole.”

“Acredito que é algo útil, essa atividade seria muito bom pra todas as faixas etárias, pois ensina sobre autoconhecimento, santificação pessoal, disciplina, foco e objetivo.”

“Importante para que a criança desenvolva autocontrole e disciplina.”

“Eu acho importante ter esportes na Educação Infantil, a luta teria um papel importante no desenvolvimento motor das crianças.”

“Acho interessante, pois, além de aprender um esporte incomum nas escolas, a autodefesa é muito necessária nos dias atuais.”

Fonte: elaboração própria

Observando essas respostas podemos ver que uma boa parte dos pais associam as artes marciais com o desenvolvimento motor e intelecto.

No caso do aspecto motor relaciona-se com saúde e capacidades físicas como força, resistência, coordenação motora, agilidade e entre outros aspectos físico motor.

Do ponto de vista biológico podemos citar alguns tipos de desenvolvimento motor trabalhado dentro das aulas de Lutas/Artes Marciais na Educação Física escolar, como:

Motricidade fina, que segundo Alves (2012, p. 16) é “Motricidade fina é uma coordenação segmentar, normalmente com a utilização das mãos exigindo precisão nos movimentos para a realização das tarefas complexas, utilizando também os pequenos grupos musculares”.

Motricidade global, Rosa Neto (2002, p. 16) conceitua como “A capacidade da criança, seus gestos, suas atitudes, seus deslocamento e seu ritmo”.

Equilíbrio, para Alves (2012, p. 24) assinala que “Quando a criança consegue manter-se em bom equilíbrio estático e dinâmico, mantendo-se normalmente sobre um pé durante algum tempo, trepa, pula, salta, sofre bem poucas quedas”.

Esquema corporal “A imagem do corpo representa uma forma de equilíbrio que, como núcleo central da personalidade, se organiza em um contexto de relações mutuas do organismo e do meio”. (Alves, 2012, p. 54).

Porem no início a Educação Física Escolar se dava por meio da sistematização de uma disciplina responsável por desenvolver procedimentos, normalmente ginásticos, que direcionava os comportamentos e seguiam modelos de uma visão funcionalista (biológica) do corpo humano, tornando assim muito restrito e inadequado para os dias atuais, nesse sentido em uma percepção positivista de que a ciência delimitava suas ações Auguste Comte (1986) afirma que:

[...] no estado positivo, o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter noções absolutas, renuncia a procurar a origem e o destino do universo, para preocupar-se unicamente em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas, a saber, suas relações invariáveis de sucessão e similitude (COMTE, 1986, p. 04).

Com o passar dos anos e com as mudanças ocorridas no campo da ciência essa teoria passou a ser questionada, possivelmente devido ao desenvolvimento e expansão do ensino de pós-graduação no Brasil e o aumento do financiamento de pesquisas criou-se outro paradigma. Nessa revolução foram as teorias críticas provenientes da educação que tinha como pauta a função social da instituição escolar que mais interferiam. Na

visão Marxista era necessário dar ênfase na função reprodutora das relações sociais capitalistas que a escola e a Educação Física desempenhavam na sociedade.

[...] na produção social da sua vida os homens entram em determinadas relações, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada etapa de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem determinadas formas da consciência social. O modo de produção da vida material é que condiciona o processo da vida social, política e espiritual. Não é a consciência dos homens que os determina, mas, inversamente, o seu ser social que determina a sua consciência (MARX, 1975, p. 25).

Visto isso, apesar de realmente auxiliar no desenvolvimento completo do indivíduo, incluindo a parte motor, não é viável restringir-se a uma visão biológica, que delimita e restringi o conhecimento e a função não só do ensino de Lutas/Artes Marciais como também da Educação Física escolar, sendo recomendada uma perspectiva de trabalho escolar a partir das ciências humanas e pedagógicas.

Com relação ao desenvolvimento do intelecto:

Vale lembrar, que as artes marciais na condição de atividades físicas praticadas regularmente – devido a questões fisiológicas e metabólicas – têm impacto positivo sobre a vida das pessoas, desde a saúde (como redução dos níveis de ansiedade, depressão moderada, estresse e prevenção de doenças), e também promovendo mais energia e vigor físico, atitudes positivas em relação ao trabalho e, conseqüentemente, melhor convívio social (PIERON, 2004 apud Lacroze, 2015, n. p.).

Já para Santos (2004), certas artes marciais quando criadas já foi definido por seus objetivos, questões que não se delimitava a questões praticas, mas sim para ser trabalhado de forma a desenvolver o caráter, a moral, autodomínio, autoconhecimento, respeito mútuo e entre outros.

O mundo das artes marciais é bastante empírico, isto é, o indivíduo vai se conhecendo e aprendendo, principalmente a partir de suas experiências. Para quem conhece o mínimo já fica nítida uma boa quantidade de valores aplicados, como obediência ao mestre e as regras, respeito mutuo entre os praticantes, são reconhecidas por trabalhar essa competição interna, que resulta em autocontrole, autoconhecimento, no combate a agressividade e entre outros.

Em uma das respostas um familiar aborda que as lutas/artes marciais trata-se de uma prática incomum dentro das escolas, estão sendo desenvolvidos diversos estudos na área que buscam entender o porquê desse déficit educacional, em sua grande maioria abordam três aspectos, o primeiro que a falta de vivencia por parte dos professores

durante sua formação, o segundo que seria o apoio da família, devido muitos ainda associaram essa prática a violência e terceiro a falta de infraestrutura, como materiais.

Foram constatados no ambiente escolar que dentre as dificuldades diversas para o uso das lutas como um dos temas eixo nas aulas de Educação Física, as principais seriam a falta de locais apropriados com tatames, falta de materiais como os próprios uniformes para a prática, melhor apoio do estado com o tema faltando cursos de aprofundamento teórico prático para os professores, reuniões com os pais explicitando os benefícios da prática das lutas e artes marciais nas escolas como meio formador do indivíduo como um todo, seja fisicamente ou socialmente através da cultura e filosofia das artes marciais. (COSTA, 2017, n. p.)

Porém, esses argumentos sobre as dificuldades de se ensinar essas modalidades vem sendo cada dia mais desconstruído, pois se concluiu que os professores não precisam ser experientes prática e nem dominar alguma modalidade, a intenção dentro das escolas não é treinar um atleta e sim proporcionar aos alunos vivências culturais ampliadas, principalmente no ensino infantil, onde será introduzida apenas uma base com jogos de oposição e movimentos básicos através da ludicidade. Já na questão dos materiais adequados, realmente é notável a falta de estrutura dentro das escolas, porém não acredito que se de ai o motivo real pela qual essa modalidade vem sendo renegada, pois há várias adaptações possíveis podendo ser praticados na grama, por exemplo, e para os jogos de oposição temos exemplos de atividades que usam bolas, espaguete ou até que não utilizam nada, apenas o próprio corpo. Quanto à questão familiar, esse estudo tem a intenção de ouvir as famílias no que diz respeito o ensino das artes marciais na escola e entender se seria ela realmente um obstáculo para as práticas dentro das aulas de educação Física.

Ainda obtive outras respostas diferentes que trouxeram temas interessantes de serem abordado como:

“Acho muito legal. O meu filho já fez e ele gostava demais. Era uma aula diferente e chamava muito a atenção das crianças. Eles até eram mais participativos quando tinha o judô.”

“Eu como mãe, acho estranho, mas sou a favor. Porém tudo depende da luta, porque a meu ver dependendo, pode trazer brigas. Em contra partida pode trazer a disciplina.”

Fonte: elaboração própria

Talvez aqui seja possível analisar como a possível falta de experiência influencia na opinião dos familiares. Para uma mãe que já possui a vivência desse filho inserido neste contexto, provavelmente não dentro das aulas de Educação Física escolar em si e

sim em centros de treinamentos ou atividades extras, ela se torna totalmente apoiadora e ainda comenta sobre como as crianças ficavam mais atentos e participativos.

Diniz e Del Vecchio (2013) realizaram uma pesquisa na intenção de perceber se a prática de Taekwondo pode contribuir na formação do cidadão e no aprimoramento do comportamento social. Analisou a participação de 46 jovens que possuíam uma idade média de 11 anos e após 12 meses de prática da modalidade aplicou o questionário sobre o comportamento dos praticantes do projeto aos responsáveis e seus professores, todos os familiares responderam obter resultados positivos e satisfatórios após a prática. Concluíram então que não só o Taekwondo como outras artes marciais constituem-se como estratégias relevantes para a formação de crianças e jovens.

Para outra familiar que provavelmente não passou por essa experiência ela se coloca como favorável, mas traz incertezas e conflito em sua fala, associando ainda luta com a violência quando comenta que pode trazer brigas.

A associação entre arte marcial e violência emana do pouco conhecimento sobre a arte marcial, criando-se uma visão distorcida sobre esta prática, deste modo, fazem-se necessárias reflexões que permitam usufruir e recriar os significados das artes marciais (NASCIMENTO & ALMEIDA, 2007, p. 91).

E para finalizar essa primeira questão, tem mais uma resposta na qual trouxe um importante aspecto a ser analisado:

“Acho ótimo, em escolas privadas, as atividades extras (balé, lutas, musicalização...) já são praticadas e as lutas são excelentes para ensinar respeito, disciplina, autodefesa.”

Fonte: Elaboração própria

Conforme já levantado à cima este trabalho defende que a falta de experiência a cerca do assunto pode trazer possíveis preconceitos, percebi durante a pesquisa que as escolas privadas muitas vezes já fornecem aulas de alguns esportes, inclusive lutas como extracurriculares, trazendo assim a vivência e a maior experiência por parte dos familiares, que em sua grande maioria durante essa pesquisa não só concordo com o ensino das artes marciais, mas também atribui diversas qualidades a elas, mesmo que de um ponto de vista mais raso. Então se torna importante levar em consideração que a falta das ministrações dessas aulas dentro das escolas públicas restringi um pouco o conhecimento dos pais acerca do assunto.

5. O OBJETIVO DO ENSINO DAS LUTAS/ARTES MARCIAIS NA ESCOLA SOB A INTERPRETAÇÃO DOS FAMILIARES

Segundo Gomes (2008), há características comuns presentes em todas as práticas de lutas que recebem o nome de princípios condicionais, são cinco os aspectos que todas as lutas carregam em comum e que nos ajudam a identificar se uma experiência corporal pode ser considerada luta ou não: o contato desde que seja realizada de forma proposital, a alternância e combinação entre ataque e defesa, regras, imprevisibilidade e a presença de um oponente ou alvo. Em síntese, apesar da existência dessa pluralidade de sentidos, além das contradições presentes no termo, alinhamo-nos ao entendimento de Gomes (2008) quando defini Lutas como uma prática corporal imprevisível, caracterizada por determinado estado de contato, que possibilita a duas ou mais pessoas se enfrentarem numa constante troca de ações ofensivas e/ou defensivas, regida por regras, com objetivo mútuo sobre um alvo móvel personificado no oponente.

Segundo os familiares participantes desta pesquisa, os objetivos das Lutas/Artes Marciais vão além somente desses movimentos, em sua maioria cita como objetivos o desenvolvimento físico e mental:

Para o desenvolvimento físico foram usadas palavras como alongamento e desenvolvimento motor, sedentarismo e obesidade. Neste sentido pais defendem que as lutas podem influenciar os alunos a praticarem alongamentos e também pode ser vista como forma de combater o sedentarismo e a obesidade precoce, infelizmente vivenciado por diversas crianças. A meu ver, neste caso a Educação Física em si e todos as praticas podem ser visto dessa maneira já que trabalham o corpo, seria a luta então mais uma possível meio de identificação para as crianças.

Para Benedito (et al., 2015), a Educação Física dentro do âmbito escolar procura garantir que as crianças busquem se mover, brincar, se divertir, de maneira que as crianças possam sentir prazer, alegria e bem-estar, por meio do desenvolvimento de habilidades e capacidades físicas. Através da Educação Física na escola, a importância de praticar atividades físicas regularmente pode ser transmitida para crianças e adolescentes contribuindo para melhorar seus hábitos e a redução da incidência de obesidade nesta faixa etária.

Também foi observada a palavra lazer e recreação durante a análise das respostas, esses termos se tornam bem adequados para a fase em si pesquisada, visto

que nessa etapa de ensino a ludicidade através dos jogos e brincadeiras é essencial.

Segundo Guimarães (2022, p. 56):

É oportuno dizer que ao tratar da perspectiva lúdica, Wallon (1975) a vincula estreitamente ao escopo da atividade infantil, pois a criação, a experimentação e a liberdade tomam grande porção na vida da criança em todas as suas práticas sociais cotidianas. Diante do exposto, retornamos ao pensamento de Freinet (1998) quando solicita que observemos as “crianças quando brincam: vemos que estão inteiramente absorvidas em seu trabalho, num mundo à parte, em que finalmente vivem segundo suas próprias necessidades e em seu ritmo... Basta a intervenção dos adultos para que se quebre o encanto.”

Porém existe uma linha tênue se pensarmos na concepção de ludicidade, onde deve estar associado nessa fase a liberdade de movimentos, e os ensinamentos através da cultural corporal de movimento e as propostas pedagógicas. Freinet (1998) chama essa concepção de associar as atividades lúdicas e as propostas pedagógicas inseridas através da participação dos professores de jogos-trabalho concretizando-se como prática educativa.

Esse jogo-trabalho satisfaz às necessidades primordiais dos indivíduos; libera e canaliza a energia fisiológica e o potencial psíquico que buscam naturalmente uma aplicação; ele tem uma meta subconsciente: assegurar a vida mais completa possível, defender e perpetuar essa vida; enfim, oferece uma extraordinária amplitude de sensações. (FREINET, 1998, p. 213)

Ao ser questionado sobre quais os tipos de jogos que representam tal acepção, o autor responde pontualmente dizendo que seria “só retomarmos nossa lista de gestos ancestrais necessários à satisfação das grandes exigências que condicionam a conservação da vida, seu desenvolvimento com máxima potência e sua perpetuação” (FREINET, 1998, p.211)

Podemos dizer que as Lutas/Artes Marciais têm utilizado dos valores ancestrais que são indispensáveis em várias exigências da conservação da vida. Tomando isso nota-se que a proposta de jogo-trabalho tem relação estreita com a prática mencionada.

Já na questão do desenvolvimento mental aparece uma vasta quantidade de palavras que estão relacionadas com foco, respeito e formação de caráter, porém duas delas são notadas em quase todos os questionários que seriam: disciplina e autoconhecimento. Como mostrado nas respostas abaixo:

“Autodefesa, autoconhecimento, disciplina mental e corporal e prática de esporte.”

“O de desenvolver a disciplina, a timidez, o autoconhecimento, a atenção e a coordenação das crianças.”

“Disciplina, respeito e autonomia.”
“Auxiliar no desenvolvimento do carácter da criança, além do físico o desenvolvimento mental, disciplina e conhecimento de si.”
“Além de recreativo, pode ajuda muito na parte de preparação física e na saúde das crianças. Ensinar também a ter disciplina e autoconhecimento.”
“Objetivo de disciplinar os alunos, ensinar autocontrole e autoconhecimento e o respeito ao próximo.”
“Além da disciplina, evita o sedentarismo e a obesidade infantil.”
“Os objetivos das artes marciais devem ser contribuir no desenvolvimento da criança e adolescente, auxiliando na disciplina, domínio próprio, convívio social e desenvolvimento motor do aluno.”

Fonte: Elaboração própria

Ambas estão relacionadas diretamente com as artes marciais visto que suas referencias são nos treinamentos militares sendo esses conceitos bastante cobrados. Na pratica pode ser visto em diversos fatores, que seria a valorização do ambiente, dos materiais mantendo sempre limpo e organizado, no respeito com os adversários e com os colegas, no não se atrasar, no respeito à hierarquia e no conhecimento do seu corpo e dos seus limites.

Com filosofias onde a mente e o corpo evoluem juntos, quanto mais o individuo evolui no autoconhecimento e disciplina, mais ele conhece a si mesmo e entra em contato com sua verdadeira essência, assim como o corpo é o primeiro instrumento dessa prática, a mente é o que promove o controlo diante das situações, importante exemplificar que as artes márcias ensinam a não agir conforme as ações de outra pessoas, é necessário autocontrole, autoconhecimento e disciplina para que de fato sejamos capazes de pensar antes de agir.

Ao abordar tal tema Miranda (2010) ressalta que os benefícios para indivíduos que praticam Lutas/Artes Marciais, incluem aspectos físicos, psicológicos, de autoestima e bem-estar, além de contribuir para uma melhora nos fatores relacionados, competitividade, concentração, espírito de competitividade e superação, sendo ainda enumerados outros benefícios como: diminui o stress; defesa pessoal, tanto para homens quanto para mulheres; desinibe os tímidos e acalma os agitados e ansiosos; aumenta a autoestima, autoconfiança e desenvolve o carácter (esporte de conquista individual).

Por isso esta prática vem sido vista como instrumento de auxílio para doenças mentais muito presente nos dias atuais como a depressão e a ansiedade. Além dos importantes hormônios liberados durante os treinos, se torna interessante as diferentes vertentes também muito presente nas artes marciais como autoconhecimento, autocontrole, código de honra e entre outros que auxiliam no controle e equilíbrio da mente e o corpo. Abaixo se encontra algumas respostas que foram correlacionadas com esse conceito:

“Os objetivos seria ajudar o estudante no controle de ansiedade e saúde mental”
“O objetivo é trabalhar a mente e o corpo, podendo até auxiliar no combate da depressão.”

Fonte: Elaboração própria

Já no quesito de autodefesa, conceito notado durante as respostas, foi relacionado como vantagem aprender se defender nos dias atuais que estão cada vez mais cercado de violência e maldade. Isto de fato é um ótimo ponto de visto a ser comentado, pois as lutas em suas filosofias ensinam a se usar a arte marcial somente para se defender, caso seja de extrema necessidade. E sempre recuar no caso de haver armamentos e em situações que coloquem a sua vida em risco. Em um dos relatos de um familiar cita como objetivo se defender dos coleguinhas mais agressivos na escola e isso não se encaixa nas filosofias, como dito a cima sempre que possível fugir dos confrontos.

Em um estudo feito pelo jornal Jornalismo Junior da USP (2022, n. p.), os praticantes experientes mostram que a filosofia que aparece, por exemplo, na série Cobra Kai lançada em 2018 e inspirada no filme Karatê Kid, onde usa termos como “acerte primeiro” e “ganhe custe o que custar” não são nada parecidos com a realidade, suas filosofias de ensinamento Funakoshi: karate ni sente nashi – “ no karatê não existe atitude ofensiva” - que diz que se uma luta é evitável, então ela deve ser evitada.

Um dos praticantes ainda afirma que mesmo a piedade floresce no lutador conforme ele avança em sua prática. Às vezes, esse poder que você pensa que adquire para vencer um adversário te traz uma compaixão pelo ser humano. Como você se sente frágil e vê como o outro é frágil, você começa a ver a beleza em coisas simples.

Abaixo encontra-se alguns exemplos de falas que envolvem a questão de autodefesa que foi debatida a cima:

“Deve ter o objetivo de autodefesa e também seria uma forma de descontrair em meio a aulas teóricas.”

“Um dos objetivos pode ser a autodefesa, tanto nas escolas para se defender dos coleguinhas quanto nas ruas.”

Fonte: Elaboração própria

Segue mais uma fala na qual trouxe uma reflexão a ser analisada:

“Os mesmos objetivos nas academias particulares fora da escola, ensinar às crianças a modalidade da luta em si, ter uma atividade física que vai desenvolver a habilidade motora, ensinar o respeito e a disciplina.”

Fonte: Elaboração própria

Não acredito ser essa a melhor metodologia usada dentro das escolas, visto que para maior repertório motor e cultural, dentro das aulas de Educação Física é importante ensinar mais de um tipo de modalidade, contudo no Ensino Infantil é ideal que aconteça através de jogos lúdicos e princípios de fundamentos básicos, preparando a criança assim para as próximas etapas de ensino onde haverá uma amplificação e especificação dessas modalidades.

Devemos compreender que as lutas devem ser vivenciadas pelos alunos também na educação física escolar não só praticada como atividade extracurricular, mesmo que as escolas não ofereçam estruturas adequadas não podem interferir naquilo que é direito dos alunos acesso à educação. O professor deve trabalhar em suas aulas a cooperação, inclusão, solidariedade, cidadania, respeito, combatendo todo tipo de discriminação, injustiça, preconceito. As lutas como conteúdo da Educação Física Escolar não visa apenas à vivência dos alunos nessa prática corporal, de tal forma que venha a contribuir para seu desenvolvimento integral, ou seja, cognitivo, afetivo e psicomotor, pois esse é o propósito da Educação Física Escolar, independente da prática corporal, deve proporcionar para os alunos uma contribuição para o processo educativo (LEITE, et al, 2012, p. 02)

Dentro dos centros de treinamento, os objetivos do ensino dessa prática também abordam aspectos importantes como atenção, determinação e suas filosofias que são muito importantes de ser trabalhado nas escolas, porém o foco é outro, é um ensino mais técnico onde a criança aprende apenas uma modalidade e desde pequeno já visa a troca de faixa, a execução mais semelhante e correta e entre outros fatores técnicos e sistematizados que coloca uma grande diferenciação entre a prática abordada nesses dois polos.

No geral não foi identificada divergência entre a opinião das famílias de escolas públicas e privadas, porém mais uma vez foi possível observar que os parentes de escolas particulares possivelmente obtenham mais conhecimento a cerca do assunto e

respondem as perguntas aparentemente de formas mais dinâmicas e familiarizadas com o assunto.

6. DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO ENSINO DAS LUTAS/ARTES MARCIAIS ÀS CRIANÇAS CONFORME OS FAMILIARES

Tendo essa prática como parte da cultura corporal do movimento, elas representam hoje um meio eficaz de educação e um conjunto de conteúdos altamente valiosos para Educação Física escolar, porém infelizmente ainda é pouco utilizada como recurso pedagógico. Por este motivo, buscamos entender na concepção familiar os riscos e desafios desse ensino.

Ao abordar essa questão ouve apenas uma resposta que citava um tema diferente dos demais falados, no qual um familiar comentou sobre o risco de lesões, como mostrado a baixo:

“Os principais riscos seriam as lesões [...]”.

Fonte: Elaboração própria

Neste caso discordo dessa fala, pois as lesões dentro das escolas são vista de forma preocupante sim já que em alguns casos é ali que a criança passa maior parte do tempo e devido não ter a presença dos pais, porém a forma como essas artes marciais seriam ensinadas nas escolas o risco de lesões e de machucar estaria presente igualmente em todos os esportes e praticas corporais. Por isso os professores devem estar sempre preparados para esses tipos casos.

Os acidentes ocorridos no ambiente escolar são objetos de grande preocupação, pois além de ser um local em que passam importante parte do seu dia, a criança está sujeita aos acidentes pela motivação em realizar tarefas, muitas vezes além de suas capacidades, com tendência para imitar comportamentos adultos (OLIVEIRA & GIMENIZ-PASCOAL, 2003, p. 01).

O ambiente escolar é considerado um ambiente relativamente seguro, no entanto este ambiente é propício a acidentes, principalmente se tratando de aulas práticas de Educação Física onde há um contato maior entre os alunos, não se trata apenas de uma modalidade, todas as práticas dentro das aulas devem ser bem elaboradas e tomando as precauções corretas.

As demais respostas se dividiram em dois grupos o primeiro é que de alguma forma acaba por mencionar a palavra violência e seus derivados.

Que durante muito tempo as artes marciais foram associadas à violência não é novidade, restringindo sua introdução nas escolas e criando um preconceito com a relação às modalidades. Porém a violência esta muito mais introduzida e enraizada na

nossa cultura do que podemos imaginar, ela é vista em jogos de futebol, bares, na televisão, em filmes, reportagens, desenhos e muitas vezes também dentro da própria casa. A violência para os alunos, inconscientemente, pode torna-se uma forma de expressão e de tentativa de comunicação a certas relações sociais, evidenciando frustrações e estresse, não podendo ser ignoradas pelos professores e familiares.

A violência é algo real e notável na sociedade brasileira e por muitas vezes acaba sendo negligenciada pela falta de conhecimento de quem presencia o fato. Na visão de Andrade et al. (2012), a definição de violência é toda forma de uso intencional da força física ou do poder, de modo real ou por ameaça, auto infligida, coletiva ou interpessoal, que possa resultar em morte ou lesão, danos psicológicos, deficiência de desenvolvimento ou privação. Ademais, a atitude violenta pode ser de natureza física, sexual, psicológica ou negligência/privação. No entanto, a violência interpessoal pode subdividir-se em violência familiar e comunitária. O domicílio é o local com a maior frequência de ocorrências de violência familiar, entretanto a violência comunitária pode ocorrer em instituições como a escola e em vias públicas também.

Segue alguns trechos das falas dos entrevistados, em que citam a violência e inserem como desafio ensinar além da prática também as filosofias desses esportes, para que assim seja aplicado da maneira correta:

“Ao meu modo de ver, os riscos seriam as crianças não levarem para o lado esportivo e sim para o lado da briga.”
“Os riscos, em minha opinião, é a agressividade de algumas crianças e a competitividade entre elas. O desafio será tratar a importância e como lidar com a vitória e a derrota nos jogos.”
“O desafio é que a aula venha acompanhada da teoria da defesa e do respeito, e o risco é que com a ausência destes a criança entenda tudo como agressão.”
“Os riscos seriam mau uso do ensino para violência [...]”
“Convencer algumas crianças que o esporte não é pra ser usado de forma errada, com violência.”
“O maior risco seria de que os alunos utilizassem a luta de forma agressiva.”
“Tem risco de eles usarem o que aprenderem nos colegas”
“Descontrole do aluno que queira usar isso para prejudicar o próximo”
“O desafio é passar a visão de que a luta não é para incentivar violência, e sim como

autodefesa.”

Fonte: Elaboração Própria

Porém como explicado em trechos à cima à arte marcial visa totalmente à disciplina e autocontrole indo contra a violência, sem contar que na faixa etária estudada nesta pesquisa, seria ideal que o ensino de lutas fosse mais restrito aos fundamentos e jogos de oposições. Sempre levando em conta suas ideologias, que defendem o respeito pelo adversário, pela competitividade, aceitando o ganhar e o perder e o ensinamento que prega para que essas práticas sejam usadas em últimos casos e somente para defesa.

A violência por si só é qualquer ato que possa ofender o indivíduo de forma física, moral ou psicológica. Na Escola, ela pode ser praticada por grupos ou individualmente em oposição a determinadas minorias, como Bullying ou com atos de exclusão. Ademais, é papel do professor de educação física observar e agir nessas atitudes violentas a fim de coibi-las. O combate a essa atitude deve ser contínuo e diário, o professor pode se valer de diversos mecanismos para isso, podendo utilizar atividades correlacionadas com as Artes Marciais como ferramenta, pois essas possuem em seu bojo a filosofia da não agressão e o enaltecimento de valores morais (MELO & BARREIRA, 2014 apud ANTUNES 2018, p. 07).

Outra parte dos familiares alegou não ver riscos e problemas desde que os professores fossem devidamente qualificados para o ensino de tal pratica:

“Acredito que não tenha risco com profissionais qualificados especificamente para o ensino infantil.”

“Em minha opinião os desafios cabem apenas à escolha de profissionais qualificados [...]”

“Não acredito que tenha riscos se for planejadas e executadas por profissionais sérios”

“Não tem riscos desde que os professores saibam trabalhar com esse tema.”

“Os riscos dependem do professor que vai dar essa aula”

Fonte: Elaboração própria.

Devido a todo esse contexto histórico-cultural a defasagem da vivência de lutas e artes marciais na formação dos professores de Educação Física infelizmente é presente, isso encontrasse como uma preocupação para os pais, mas é importante lembrar que não é necessário que o educador seja praticante ou atleta para ensinar, pelo contrario, não é isso que se espera das artes marciais dentro das escolas, a esportivização, e sim o desenvolvimento e a amplificação do repertório cultural.

De acordo com Gomes et al. (2013), as lacunas e incompreensões da aplicação das lutas e artes marciais na educação física escolar, por vezes se dá devido ao professor

evitar ou deixar de abordar este tema e suas vertentes por falta de material adequado ou por impropriedade no assunto. Em suma é interessante que o professor tenha experiência, mas isso não torna fator determinante na aplicação dessa atividade que tem um grande poder no combate as atitudes violentas no âmbito escolar.

Há diversas formas de ensinar Lutas/Artes Marciais, não usando só a prática, mas também podendo ser abordada de forma teórica, através de registros históricos das modalidades existentes, relacionando os seus valores éticos e culturais. As artes marciais devem ser incluídas nos planos de aula do professor de educação física servindo como instrumento de auxílio pedagógico. É necessário que as faculdades entendam a importância desse tema para que seja componente curricular obrigatório das grades de ensino superior em Educação Física, proporcionando assim uma vivência mesmo que mínima para que o professor se sinta confortável ao abordar o tema.

Houve também um numero considerável de casos em que citava como desafio o apoio dos familiares a essas práticas, como apontado:

“[...] Os maiores desafios é a mudança da mentalidade de algumas pessoas que veem nas artes marciais um sinônimo de violência, normalmente isto acontece pela ignorância ou alguma má experiência que a pessoa possa ter sofrido no passado.”

“[...] E o maior desafio seria o apoio dos pais, pois, alguns ainda acreditam que o ensino da luta pode forçar a violência entre as crianças.”

“[...] Talvez o maior desafio seja ir contra o senso comum que associa as artes marciais à violência e alguns pais podem não concordar.”

“Vejo como desafio a adesão por parte dos familiares, que pode entender que está incentivando a agressividade.”

Fonte: Elaboração própria

Acredito que esse desafio acaba sendo refutado diante dessa pesquisa visto que todos os familiares foram a favor do ensino das artes marciais nas escolas de ensino infantil, talvez essa visão acabe por ser um reflexo de um senso comum antiquado, que vem passando por uma desconstrução.

Por outro lado apesar de todos se mostrarem a favor, infelizmente ainda é notável a associação dessa prática a violência, considera-se então que isso possa ser reparado através da experiência e vivência dos filhos dentro das aulas de Educação Física.

Afinal como visto nesse trabalho o ensino dessas praticas se trabalhados de forma correta só tem a agregar o desenvolvimento da criança como um todo. Pouco foram as literaturas encontradas no qual explore essa concepção familiar mais a fundo.

Foi também analisada uma resposta na qual nos trouxe aspectos interessante:

“O maior desafio seria a acessibilidade aos portadores de alguma deficiência.”

Fonte: Elaboração própria

Acredito que esse seja um ponto importante a ser refletido, visto que durante as aulas no caso de pessoas com deficiências elas não devem ser excluídas, segundo Betti (1991), focar a diversidade tem como finalidade garantir o acesso de todos os alunos às atividades da Educação Física, propondo atividades diferenciadas, tirando o foco de conteúdos exclusivamente esportivos ou que privilegiem apenas um tipo de esporte. Dessa forma todos os alunos alcançarão o sucesso em uma ou outra atividade proposta. Também conclui que é importante introduzir e integrar o aluno no âmbito da cultura corporal de movimento, visando formar o cidadão que possa usufruir, compartilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais do exercício da motricidade humana, tais como jogos, esportes, ginásticas e práticas de aptidão física, dança e atividades rítmicas/expressivas, lutas/artes marciais e práticas alternativas.

A própria Paraolimpíada nos mostra diversos esportes adaptados, neste caso poderia trabalhar com jogos de oposição sentados ou que trabalhe somente os membros superiores, para deficientes físicos o jogos em que todos os alunos ficassem com os olhos vendados, para deficientes visuais, por exemplo. Independente do esporte a ser trabalhado, sempre deve haver adaptações para o caso de pessoas com deficiência.

Para finalizar apenas a seguinte respostas foi considerada talvez útil para diferenciação das escolas públicas e privadas:

“Desafio é a escola conseguir dar o suporte (material e espaço adequado) que o profissional necessita para as aulas.”

Fonte: Elaboração própria.

Neste caso um familiar de escola pública cita uma possível dificuldade que talvez seja encontrada principalmente dentro das escolas públicas visando os recursos limitantes dessas escolas em comparação com as privadas.

De acordo com uma pesquisa feita por Sampaio & Guimarães (2009), é notável nos resultados obtidos que da amostra de colégios analisados, há uma grande disparidade entre os colégios privados e públicos. Os colégios privados obtiveram

eficiência máxima, ou seja, a fronteira global é completamente determinada pela fronteira por tipo dos colégios privados. Isso mostra que nenhum colégio público conseguiu, em nenhum ponto da distribuição, atingir nível de eficiência global de 1. Isso pode se dar devido toda a infraestrutura e cultura da escola, pois os alunos com maiores recursos por vez se sentem mais motivados.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a entrada das mulheres no mercado de trabalho encontrou-se a necessidade da abertura das escolas de ensino infantil, que no início se apresentava apenas como uma rede de apoio à família. A educação física passou a integrar o componente curricular somente anos depois, tendo como objeto de estudo a intervenção a toda manifestação da cultura corporal de movimento, levando em consideração as práticas corporais historicamente inseridas, esse ensino refere-se obrigatoriamente a crianças de 4 e 5 anos.

Dentro dessas manifestações encontram-se as Lutas/Artes Marciais, que desde os primórdios podem ser vistas dentro de todo o mecanismo de defesa, de começo se dava a devida necessidade de caçar e comer e posteriormente como ferramenta para a guerra, seja com armas ou não e por mais que houvesse sistematização e técnicas emanava necessidade de proteção do próprio corpo. Atualmente está também inserida em nosso meio de diversas formas seja em jogos, na tv, desenho e entre outros.

Esse conteúdo vem sendo historicamente produzido e enriquecido com as diferentes culturas. Apesar de ter surgido a partir de situações de combates, na prática não se trata apenas de aprender a lutar, inclui também a busca pela harmonia, paz e não violência entre pessoas, além de servir de base para uma vida melhor em sociedade. No ensino infantil essas modalidades podem começar a ser introduzido através de jogos de mobilização e equilíbrio, o atingir e se proteger, a noção de espaço e podemos inclusive utilizar alguns implementos, aprendendo o básico de cada modalidade através de jogos lúdicos. Servindo assim de base para que nos próximos anos ocorra uma progressão da bagagem cultural e motora visto até ali.

Essa pesquisa buscou entender a opinião da família a cerca do assunto, pois entende a importância dessa relação Família-Escola para o crescimento e desenvolvimento do individuo. Quando falamos de família estamos mencionando o primeiro contato da criança com o mundo, sendo a primeira agência educacional a partir de suas concepções e vivências, deste modo vários fatores são os que diferenciam a educação de individuo para individuo seja região, estrutura social, localização e entre outros, já a escolas tem como função a socialização do saber sistematizado.

Ambas possuem suas especificidades e complementariedades, porem de certa forma essa relação é considera pouco harmoniosa e satisfatória, se torna então uma relação mais de culpabilização do que assumir em si cada um sua responsabilidade.

Também demonstram resistência em fazer o papel do outro, caracterizando-se por uma relação defensiva devida sua construção que na maioria das vezes tem vínculo com algum tipo de problema. Concluiu-se então a necessidade de uma aproximação de ambas as partes e principalmente por parte da escola que seria o agente que delimita esse espaço da família na escola.

Levando em consideração o objetivo dessa pesquisa cujo foi analisar e identificar, com base sistematizada os olhares das famílias sobre o ensino de artes marciais nas aulas de Educação Física no Ensino Infantil, conclui-se que todos os participantes se apresentam adeptos sendo, portanto a família inculpável dessas práticas serem renegadas dentro das aulas de Educação Física. O que foi bastante notável também foi como a falta de experiência com a prática pode interferir no julgamento dos parentes, que por sua vez se voltam apenas ao senso comum antiquado que relaciona as artes marciais e a violência, o que é totalmente compreensível visto que esse é único conhecimento limitado que eles possuem a cerca do assunto. Também foi possível notar que infelizmente as escolas privadas na maioria das vezes oferece maior repertório de expansão da cultura corporal do movimento, muitas vezes incluindo até mesmo alguma modalidade de artes marciais.

Lutas/Artes Marciais para Gomes (2008) é caracterizada por certo contato em troca de ações ofensivas e defensivas. Para essas famílias entrevistadas os objetivos das artes marciais estão muito além apenas desses movimentos, entre as respostas mais populares estão desenvolvimento físico e mental.

Para o desenvolvimento físico foram usadas palavras como alongamento e desenvolvimento motor, sedentarismo e obesidade, neste sentido acredito que não só essas prática como qualquer outra trabalhada dentro da Educação Física escolar já possam contribuir com esses objetivos sendo as Lutas/Artes Marciais mais um possível meio de identificação. Sendo necessário destacar a importância de não se restringir a uma visão biológica da Educação Física escolar que enfatiza o desenvolvimento motor e uma visão funcionalista do corpo, onde a ciência delimita suas ações. A perspectiva do trabalho escolar precisa se dar a partir das ciências humanas e pedagógicas que enxerga além do corpo, em uma visão Marxista, que enfatiza a função reprodutora das relações sociais capitalistas que a escola e a Educação Física desempenham na sociedade.

Também foi observado como objetivo, respostas que citavam a recreação e lazer o que de fato é muito importante devido ao aspecto lúdico que deve estar presente nas aulas nesta faixa etária, tomando cuidado somente com a linha tênue de intervenção dos

professores que devem unir a liberdade de expressão com as propostas pedagógicas, essa junção dos dois aspectos a ser trabalhado Freinet (1998) vai chamar de jogo-trabalho.

Ao ser questionado sobre quais as tipos de jogos que representam tal acepção, o autor responde pontualmente dizendo que seria “só retomarmos nossa lista de gestos ancestrais necessários à satisfação das grandes exigências que condicionam a conservação da vida, seu desenvolvimento com máxima potência e sua perpetuação” (FREINET, 1998, p. 211). Podemos dizer que as Lutas/Artes Marciais têm utilizado dos valores ancestrais que são indispensáveis em várias exigências da conservação da vida. Tomando isso nota-se que a proposta de jogo-trabalho tem relação estreita com a prática mencionada.

No desenvolvimento mental aparece uma vasta quantidade de palavras que estão relacionadas com foco, respeito e formação de caráter, porém duas delas são notadas em quase todos os questionários que seriam: disciplina e autoconhecimento. Como filosofias onde a mente o corpo evoluindo juntos, quanto mais o indivíduo se conhece mais possuirá autocontrole, disciplina e equilíbrio. Devido a isso, ela tem sido usada até mesmo no combate a doenças mentais muito presente nos dias atuais como depressão e ansiedade, pois além dos importantes hormônios liberados durante os treinos segundo Miranda (2010), também diminui o estresse, desinibe os tímidos e acalma os agitados e ansiosos.

Também foi visto respostas relacionando a autodefesa como vantagem, pois é preciso aprender se defender nos dias atuais que estão cada vez mais cercado de violência e maldade. De fato é verdade, porém nas filosofias dessas modalidades diz que se uma luta é evitável, então ela deve ser evitada, tornando assim viável a possibilidade de se defender somente em ultimo caso.

Outra questão levantada durante as respostas rendeu um dialogo da importância de se separar os ensinamentos das Lutas/Artes Marciais dentro das escolas, que tem como objetivo a amplificação da cultura corporal de movimento e das atividades extracurriculares e nos centros de treinamento, que normalmente abordam apenas uma pratica e focam em treinamentos sistematizados e técnicos.

Ao abordar questões sobre os riscos e desafios do ensino de lutas, infelizmente, foi notável uma alta associação das práticas a uma possível estimulação a violência por uma parte do público entrevistado. Acredita-se que todo esse conceito histórico-cultural

vem sendo desconstruído ao longo do tempo e que esse vínculo se dá devido ao antigo senso comum, no qual enxerga a prática sem suas rígidas filosofias.

Também foi notado um certo medo por parte dos pais ao citarem a importância de profissionais qualificados, É necessário que as faculdades entendam a importância desse tema para que seja componente curricular obrigatório das grades de ensino superior em Educação Física, proporcionando assim uma vivência mesmo que mínima para que o professor se sinta confortável ao abordar o tema.

Houve uma quantidade considerável de entrevistados que colocam como obstáculo apoio familiar, o que foi confrontado durante o decorrer dessa pesquisa.

Durante a pesquisa, ao evidenciar as diferenças entre escolas públicas e privadas foi notável uma preocupação maior por parte dos familiares de instituições públicas com a infraestrutura necessária para as práticas, porém há meios de se adaptar as atividades não sendo esse o maior obstáculo. Os familiares de escolas privadas devido as aulas extras incluídas nos colégios, como luta, dança e entre outras acaba por falar com mais propriedade e empolgação acerca do assunto, pois estão mais acessível à vivência. Já os de escolas públicas acabam por apoiar, porém estão constantemente usando referências ligadas ao senso comum e a associação tanto à violência quanto a disciplina e autoconhecimento.

Dito isso, os resultados dessa pesquisa contribuem para entender a percepção familiar e como isso pode afetar as aulas, visto que neste caso não houve negações, acredito que essas respostas colaborem para o desenvolvimento mais saudável das aulas, dando importância e trabalhando em conjunto com a família.

Ferreira (2006), cita que as lutas fazem sucesso em todas as faixas etárias e em todas as etapas de ensino sendo apresentados graus de dificuldades diferentes em cada uma delas, associando-as com ética e valor. As lutas devem servir como instrumento de auxílio pedagógico ao profissional de educação física: o ato de lutar deve ser incluído dentro do contexto histórico-sócio-cultural do homem, já que o ser humano luta, desde a pré-história, pela sua sobrevivência.

O estudo apresentou alguns fatores limitantes que precisam ser revistos e melhor analisados, sejam eles decorrentes das entrevistas, ou mesmo diante de alguns familiares talvez nunca tenham tido acesso a uma aula, em relação da quantidade de pesquisas envolvendo respostas de senso comum.

Por fim, para a realização de novas pesquisas que venham a discutir esta temática, seria de bom tom, observar esse estudo e posteriormente realizar algo similar

depois que os familiares passassem por um acompanhamento a aulas de educação física em que seus filhos pratiquem lutas, podendo assim averiguar se haverá uma mudança de pensamentos. Espero que esta pesquisa desperte um interesse maior pela temática das artes marciais nas aulas de Educação Física e que cada dia mais trabalhando em conjunto, a escola e família possam enxergar as vantagens dessa prática.

8. REFERÊNCIAS

- Alves, F. **Psicomotricidade: corpo, ação e emoção**. Rio de Janeiro-RJ. 5ª edição. Wak. 2012.
- Antunes. R. **Artes Marciais na Escola: erradicando a violência**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Centro Universitário de Brasília, Brasília-DF.2018
- Benedito, L. [et. Al.] **Educação Física Escolar: no combate à obesidade infantil**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física)-FAEMA. Ariquemes-RO. 2015.
- BETTI, M. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo-SP: Movimento, 1991.
- Bhering, E. **Percepções de Pais e Professores Sobre o Envolvimento dos Pais na Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Revista Contrapontos, Itajaí-SC, n.3, v3, p. 483-510, set/dez 2003.
- Braun.V; Clarke. Usando análise temática em psicologia, Pesquisa Qualitativa em Psicologia. 2006. Disponível em: <https://uwe-repository.worktribe.com/output/1043060>. Acessado em: 10 de agosto2022
- Brasil. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Pesquisa nacional qualidade da educação: a escola pública na opinião dos pais: resumo técnico executivo**. Brasília: Ministério da Educação. 2005.
- Brasil. Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília-DF.Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- Brasil. Senado Federal. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília-DF:Senado Federal: Centro Gráfico, 1990.
- Breda. M. [et. Al.] **Pedagogia do esporte aplicada às lutas**. 1ª edição. São Paulo-SP: Phorte, 2009.
- Caetano, L. M. **Relação escola e família: uma proposta de parceria**. Revista Intellectus, 2004. Disponível em: <http://www.revistaintellectus.com.br/artigos/1.6.pdf>. Acessado em: 12 de agosto 2022
- Costa. R. **Lutas e Artes Marciais nas Aulas de Educação Física: Uma Revisão de Literatura**. Revista Gestão Universitária. Santa Catarina. 2017. Disponível em: <http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/lutas-e-artes-marciais-nas-aulas-de-educacao-fisica-uma-revisao-da-literatura>. Acessado em: 20 de agosto 2022
- Darido. S; Júnir. O. **Para ensinar educação física: Possibilidades de intervenção na escola**. Editora Papyrus: Campinas–SP, 2015.
- Denzin.N; Lincoln.Y. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2ª edição. Porto Alegre-RS. 2006.

Ferreira. H. **As lutas na educação física escolar**. Revista de Educação Física. Fortaleza-CE. 2006. Disponível em: <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/428>. Acessado em: 14 de agosto 2022

Freinet.C. **A educação do trabalho**. 1ª edição. São Paulo-SP: Livraria Martins Fontes LTDA. 1998.

Gomes. N. et al. **O conteúdo das lutas nas séries iniciais do ensino fundamental: possibilidades para a prática pedagógica da Educação Física escolar**. Motrivivência, Florianópolis-SC.2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2013v25n41p305/25828>. Acessado em 22 de agosto 2022

Gondim. D. **Aspectos metodológicos aplicados ao ensino do judô para crianças**. 2006. 16. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Educação Física). Universidade de Pernambuco. Recife-PE.

Guimarães. R. **Ensaio Pedagógico Relativo ao Ensino de Lutas/Artes Marciais na Educação Infantil sob a Ótica Walloniana**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) . Universidade Federal de Lavras (UFLA), Lavras-MG.

Lacrose & Nunes. **Artes Marciais e Desenvolvimento Humano. Uma Revisão de Literatura**. EFDeportes, 2015. Disponível me: <https://efdeportes.com/efd202/artes-marciais-e-desenvolvimento-humano.htm>. Acessado em 17de agosto 2022

Miranda. G. **Benefícios do Jiu-Jítsu**. Secretária da Educação do Paraná. 2010. Disponível em: <http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=31>. Acesso em: 19 de agosto 2022

Nascimento & Almeida. **A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades**. Movimento, 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/3567>. Acesso em: 15 agosto 2022.

Oliveira, L. **Escola e família numa rede de (des)encontros: um estudo das representações de pais e professores**. São Paulo-SP: Cabral Editora.2002.

Oliveira.R; GIMENIZ-PASCHOAL. S. **Acidentes em escolares e pré-escolares: subsídios para ações educativas do fonoaudiólogo com professores da educação infantil**. 2003. Dissertação (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista, Marília-SP.

Pacheco. R. **A influência da prática das artes marciais na redução da agressividade em adolescentes, nas aulas de Educação Física**. Revista Polêmica. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3567>. Acessado em 19 de agosto de 2022

Petzold, M. **The psychological definition of the family**. Milano-Itália: LEDEdizioni Universitarie. 1996. p. 25-44

Pioversan, A; Temporini, E. **Pesquisa Exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública**. Revista Brasileira de Saúde.1995. Disponível em :
<https://www.scielo.br/j/rsp/a/ff44L9rmXt8PVYLNvphJgTd/abstract/?lang=pt>.
Acessado em 16 de agosto 2022.

Pulzi, W. Rodrigues, G. **Transtorno do desenvolvimento da coordenação: uma revisão de literatura**. Revista Brasileira de Educação Especial. 2015. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbee/a/jPsxGN4xz7cNMxZCSzCbQ4M/abstract/?lang=pt>.
Acessado em: 21 de agosto de 2022.

Roque, E. **O espírito das artes marciais**, 6ª edição. Nelpa, 2010.

Rosa Neto, F. **Manual de avaliação motora**. São Paulo-SP: Artmed. 2002.

RUFFONI & MOTTA. **Lutas na infância: uma reflexão pedagógica**. Laboratório de estudos do esporte, Rio de Janeiro. Centro Universitário Celso Lisboa. 2000.

Ruiz, J. A. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. São Paulo-SP: Atlas. 1976.

Souza, M. **Família/escola: A importância dessa relação no desempenho**. Universidade Estadual do Norte do Paraná. 2009. Disponível em:
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1764-8.pdf> . Acessado em:
15 de agosto de 2022.

Szymanzki, H. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. Brasília, Plano Editora, 2003.

Trost, J. **O processo de formação da família**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.1995.